



A OTAN E O PACTO DE VARSÓVIA

Pesquisa da Redação

a. Síntese histórica

1) OTAN

a) A OTAN surgiu do tratado assinado em 04 Abr 49, em WASHINGTON, como uma resposta à expansão do comunismo soviético que violara a Carta da ONU, anexando ao seu território mais de 500.000 Km² de áreas de países vizinhos, que abrigavam cerca de 24 milhões de habitantes, além de passar a exercer poderosa influência sobre várias outras nações do Leste Europeu, transformadas em "Satélites" e dela diretamente dependentes, com mais de 88 milhões de pessoas.

A organização era, inicialmente, integrada por 12 nações:

-- BÉLGICA	-- DINAMARCA	-- FRANÇA
-- CANADÁ	-- EUA	-- HOLANDA
-- INGLATERRA	-- ITÁLIA	-- NORUEGA
-- ISLÂNDIA	-- LUXEMBURGO	-- PORTUGAL

Durante a Guerra da COREIA, em 1952, a GRÉCIA e a TURQUIA se uniram à OTAN. Em 1955, a RFA foi aceita como membro.

Em 1966, a FRANÇA abandonou a organização, o mesmo acontecendo com a GRÉCIA, em 1974, após a invasão da ilha de CHIPRE pela TURQUIA.

Atualmente, portanto, são 13 os países membros.

A OTAN é uma aliança militar de caráter defensivo, com uma zona de ação englobando os territórios dos países membros, o Ocenano ATLÂNTICO (ao N do trópico de CÂNCER) e seus mares adjacentes: Mar do NORTE, MEDITERRÂNEO e BÁLTICO.

O Tratado passou a vigorar em 24 de agosto de 1949, sendo válido por 10 anos, findos os quais poder-se-ia propor sua revisão. Somente após 20 anos qualquer das partes integrantes poderia abandonar a Aliança, denunciando o Tratado ao Governo dos ESTADOS UNIDOS.

b) Organização

A OTAN é dirigida pelo Conselho do ATLÂNTICO NORTE, integrado por ministros e embaixadores de cada um dos países membros.

O Conselho e suas Comissões são assessorados nos aspectos políticos, militares, econômico-financeiros, e científicos, relativos ao planejamento da defesa, por uma Secretaria Geral e um Estado-Maior internacional.

A Comissão Militar é a principal assessora do Conselho no que diz respeito aos assuntos de sua especialidade.

É integrada pelos Chefes de Estado-Maior dos Exércitos de todos os países membros, com exceção da ISLÂNDIA, não representada na Comissão. A FRANÇA mantém 1 Oficial de Ligação na Comissão.

A Comissão Militar possui um Estado-Maior internacional e é a entidade que coordena as ações dos principais comandos da OTAN.

c) Estrutura dos Comandos.

(1) Os principais Comandos Militares da OTAN são:

- Comando Aliado da Europa
- Comando Aliado do ATLÂNTICO
- Comando Aliado do CANAL DA MANCHA.

(2) Além desses Cmd, existe um Gp de Plj Regional, composto de Of dos USA e CANADÁ, subordinado à Comissão Militar.

(3) O Cmdo Aliado da EUROPA é responsável pela defesa territorial de todos os países integrantes da OTAN na EUROPA (com exceção da INGLATERRA e PORTUGAL) e da TURQUIA. Também tem responsabilidade quanto à defesa aérea da INGLATERRA e pelas águas litorâneas da NORUEGA e DINAMARCA.

Subordinados ao Cmdo Aliado da EUROPA, estão:

- Cmdo Aliado das Forças Centro-Européias
- " " " " Norte-Européias
- " " " " Sul- Européias
- " " " " do MEDITERRÂNEO

Sobre as Forças Centro-Européias incidem as negociações visando à redução de efetivos, que estudaremos na parte final dessa Sessão.

(4) O Cmdo Aliado do ATLÂNTICO é responsável pela defesa do ATLÂNTICO NORTE, do pólo N ao Trópico de CÂNCER, incluindo as águas territoriais de PORTUGAL.

(5) O Cmdo Aliado do CANAL DA MANCHA é responsável pelas águas inglesas, do CANAL DA MANCHA até o Limite Sul do MAR DO NORTE.

2) PACTO DE VARSÓVIA.

a) O Pacto de VARSÓVIA é uma aliança multilateral formada pelo "Tratado de Amizade, Assistência Mútua e Cooperação", que foi assinado em VARSÓVIA, em 14 Mai 55, pelos governos de:

- | | |
|------------|-------------------|
| - ALBÂNIA | - RDA |
| - BULGÁRIA | - ROMÊNIA |
| - HUNGRIA | - TCHECOSLOVÁQUIA |
| - POLÓNIA | - URSS |

Em Set/68 a ALBÂNIA desligou-se da aliança:

Ao Pacto cabe somente a defesa dos territórios europeus dos países membros e, em caso de guerra, as forças de todos os países signatários ficarão subordinadas ao Alto Comando Soviético.

b. Comparação do Poder Militar

Segurança não é só uma questão de forças militares. Muitos outros fatores, meios e possibilidades devem ser considerados. Poder e força decorrem, também, da situação geoestratégica, de economia e da capacidade técnica e humana.

O Pacto de VARSÓVIA forma, com as imensas extensões euro-asiáticas da URSS e dos territórios dos países socialistas da Europa, um espaço fechado e profundo.

A extensão dos países da OTAN, na Europa, comparada com a dos integrantes do Pacto de VARSÓVIA representa uma proporção de 1 para 8,4.

Importante consideração é que a ligação, no que se refere à OTAN, entre a

Europa e seu principal membro, USA, se faz através de 6000 Km de oceano, ao contrário do que acontece com os países integrantes do Pacto de VARSÓVIA, oferecendo a estes últimos favoráveis possibilidades estratégicas.

Algumas considerações quanto à população e recursos.

Nos países da OTAN vivem 553 milhões de pessoas, em contraste com cerca de 360 milhões nos países de Pacto de VARSÓVIA.

O PIB da URSS representa 53% do dos USA.

O fosso técnico-econômico entre os países da OTAN e os do Pacto de VARSÓVIA torna-se cada vez maior.

No que se refere à matéria prima e energia, a situação da URSS é boa e de independência. Os demais países do Pacto de VARSÓVIA dependem da Rússia. Dos países da OTAN, só o Canadá e os USA apresentam situação privilegiada. A capacidade industrial dos demais depende de fornecimento externo.

Quanto a alimentos, graças ao clima favorável e às medidas técnicas de cultura, as possibilidades dos países da OTAN são superiores às integrantes do Pacto de VARSÓVIA. Na própria URSS, a produção agrícola, em virtude de más condições de tempo, não tem sido suficiente nos últimos anos.

Em síntese, o poder econômico da OTAN é cerca de duas vezes o do Pacto de VARSÓVIA. Esta situação não deverá se modificar nos próximos 15 anos.

Comparação do Poder Militar na Europa

Como já foi dito, Segurança não é só uma decorrência do poder militar. Assim, também, o número de armas não é suficiente para poder comparar este poder. Questões referentes à capacidade de liderança, moral e situação da instrução não encontram, numa simples comparação de Poder Militar, uma resposta.

Os sistemas de armas nucleares estão, essencialmente, concentrados nos USA e URSS:

Quanto a Forças Navais, a OTAN tem em serviço um maior número de vaso de guerra do que o Pacto de VARSÓVIA. Entretanto, a simples comparação numérica não tem muito valor. Seria preciso analisar o tipo, a qualidade e o crescimento anual. A URSS praticamente dobrou nos últimos anos, o número de seus navios, que são, em média, menos antigos do que os da OTAN.

O significado da Europa para o equilíbrio entre o Ocidente e o Oriente é demonstrado pela distribuição das forças de ambos os partidos neste espaço. A OTAN tem ali 80% de suas divisões, 70% de seus CC e 50% de suas aeronaves táticas. Os países do Pacto de VARSÓVIA mantêm ali 80% de suas forças aéreas e terrestres.

No flanco Norte está situada uma pequena fração das FT da OTAN e do Pacto de VARSÓVIA. Ainda assim, naquela região, uma Bda da OTAN defronta-se com 6 Div do Pacto. Isto significa que a Noruega não pode se defender sozinha contra um ataque, não obstante o terreno ser favorável a ações defensivas.

POTENCIAL MARÍTIMO SOVIÉTICO

TIPO	ANO	
	1968	1975
Corveta com mísseis	2	31
Destróier com mísseis	27	48
Cruzador com mísseis	9	21
Submarinos convencionais com mísseis	59	67
Submarinos estratégicos com mísseis	38	73

SISTEMA DE ARMAS	FORÇAS		
	USA	URSS	CHINA (*)
ICBM: Míssil Balístico Intercontinental	1054	1594	—
MRBM: Míssil Balístico de Alcance Médio	—	600	50
SLBM: Míssil Balístico de Lançamento Marítimo	656	696	—
Aviões de Bombardeio Estratégico	400	160	—
Aviões de Alcance Médio	60	600	150

(*) Como informação

No Mediterrâneo, no flanco Sul da OTAN, a influência soviética se expandiu. A OTAN possui naquela região cerca de 38 Div, ou seja, quase o mesmo que o Pacto de VARSÓVIA tem estacionado no Sul dos Balcans e no Cáucaso. É preciso considerar que as forças italianas devem ser reduzidas de 1/3 e que o equipamento turco e grego é insuficiente.

Em número de aeronaves, o Pacto de VARSÓVIA possui, naquela região, 3 vezes mais do que a OTAN.

Em um conflito militar, é provável que o Pacto de VARSÓVIA busque a decisão na Europa Central. Naquela região está o ponto focal de sua estratégia.

O Pacto de VARSÓVIA mantém, ali, 58 Div. Além disso, em curto prazo, poderá ser reforçado por mais 30 Div. russas sediadas no Báltico, Rússia Branca e Cárpatos.

A OTAN possui, apenas, 27 Div, das quais 50% são alemães e 20% norte-americanas. As 6 Div francesas, das quais duas estacionadas na RFA, não são subordinadas à OTAN.

C. Considerações atuais.

Essas considerações dizem respeito às negociações sobre as reduções de forças na região central da EUROPA.

Os países diretamente interessados na Zona de redução são:

Na OTAN – BÉLGICA, RFA, LUXEMBURGO, HOLANDA, GRÃ-BREITANHA, EUA e CANADÁ.

No PACTO DE VARSÓVIA – URSS, POLÔNIA, TCHECOSLOVÁQUIA e RDA.

PODER DE COMBATE NA EUROPA CENTRAL			
<u>OTAN</u> BÉLGICA, RFA, DINAMARCA, LUXEMBURGO e HOLANDA	GU, Mat	<u>PACTO DE VARSÓVIA</u> RDA, TCHECOS- LOVÁQUIA e POLÔNIA	
			URSS: RM do BÁLTICO, RÚSSIA BRANCA e CÁRPATOS
27	xx <input type="text"/>	58	30
6100	CC	19000	8000
1700	Anv Táticas	2460	1290

CRESCIMENTO DOS EFETIVOS SOVIÉTICOS			
EFETIVOS EM:		PERÍODO	
		De 1968	a 1974
PESSOAL	Nas Div Mec	11000	14000
	Nas Div Bld	9000	11000
CC de uma Div. Mec		188	266
Peças de Art	Nas Div Mec	105	165
	Nas Div Bld	36	71
Lançadores Múltiplos nas Div. Sov		220	700
CC do Pacto de Varsóvia na Europa Central		13650	19000

Depois de 30 Out 73, o curso dessas negociações foi influenciado pela tática empregada por ambas as organizações, cada uma delas tentando conduzir os debates segundo suas próprias proposições e recusando-se a aceitar as do oponente.

Em Jun 76, pela primeira vez após a abertura das negociações, a delegação soviética forneceu as cifras sobre as forças do PACTO DE VARSÓVIA. Em princípio, essas cifras são muito gerais e muito incompletas, não se prestando à formulação de conclusões válidas.

Com efeito, elas são inferiores em mais de 100.000 homens às cifras possuídas pelo OTAN sobre os efetivos do PACTO DE VARSÓVIA na região central da EUROPA, prestando-se apenas como ponto de partida para as discussões sobre os níveis das forças e bases de cálculo utilizadas. Assim, após dois anos e meio de negociações, tem-se a impressão de que os participantes da conferência têm, enfim, possibilidade de comparar suas cifras e de procurar se entenderem sobre dados e parâmetros de referência aplicáveis à redução de forças.

Para as duas alianças em presença na EUROPA, a situação se caracteriza essencialmente por uma assimetria geoestratégica e estrutural, que se manifesta e se perpetua por numerosas disparidades.

A relação de forças militares entre a OTAN e o PACTO DE VARSÓVIA faz parte dessa assimetria, que pode ser atenuada ou acentuada, mas não eliminada através de modificações na referida relação.

Na parte central da EUROPA, a situação regional e a relação de forças não podem ser dissociadas da relação geral de poderio estratégico que existe no continente nem serem avaliadas independentemente da mesma.

A não-inclusão da HUNGRIA e de certas partes do território soviético na Zona de redução é contestada sob o ponto de vista militar e sob o ponto de vista geográfico. Mas, sob o ponto de vista político pode ser necessário admiti-la tendo em vista chegar-se a um acordo com a URSS.

A posição da OTAN nas negociações e o rumo que as discussões tomaram ressaltam esta oposição entre as unidades geoestratégica e militar da Zona considerada em seu conjunto e a necessidade política de se limitar a Zona das reduções de modo mais restrito.

O resultado da conferência de VIENA, qualquer que seja, terá apenas uma incidência marginal sobre a situação estratégica no continente europeu; ele não permitirá resolver o problema da segurança fundamental na EUROPA, uma vez que o mesmo resulta do desequilíbrio entre a URSS e o resto da EUROPA.

A URSS é a única potência europeia que possui meios de conduzir uma guerra de agressão e de ganhá-la, em circunstâncias favoráveis, contra qualquer coalizão que os demais países do continente puderem formar. Ela continuará a exercer um controle militar sobre sua Zona de influência na região central da EUROPA, mesmo tendo retirado parte de suas forças.

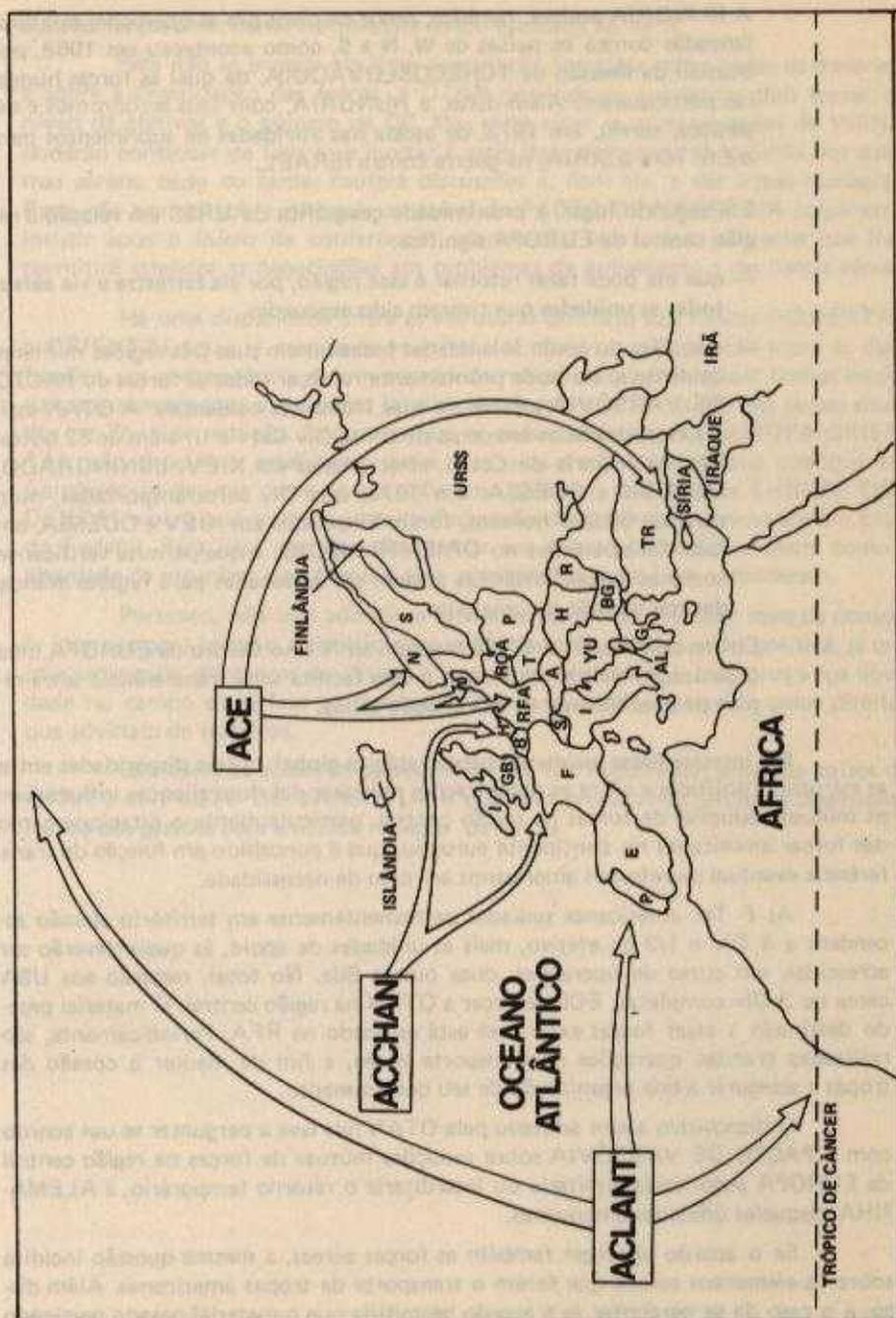
Recompletará ela a totalidade de suas forças dentro de suas próprias fronteiras e isto não atenuará nem eliminará o desequilíbrio militar na EUROPA. É, simplesmente, sua base de partida num conflito armado que será regulada. Sob o ponto de vista de segurança, isto representará certamente um ganho apreciável para a EUROPA OCIDENTAL, mas não uma vitória decisiva, sobretudo se tivermos em conta o potencial ofensivo representado pelos mísseis (IRBM/MRBM) soviético na EUROPA.

Para as negociações sobre as mútuas reduções de forças na região central da EUROPA, os países membros da OTAN resumiram aquela assimetria geoestratégica apresentando-a sob dois aspectos, a saber:

- a distância entre a URSS e a linha de demarcação na região central e a distância entre os USA e a referida linha: 650 Km contra 6.000 Km;
- o fato de que o território da URSS é justaposto ao de dois dos três países englobados na Zona de redução (POLÓNIA e TCHECOSLOVÁQUIA), não fazendo limite apenas com a RDA, o que lhe dá condições de acesso direto àquela Zona.

A estes dois aspectos, juntam-se três outros:

- a HUNGRIA, onde estão estacionadas 4 Div Soviéticas Cat I, com cerca de 1.100 CC e de 55.000 a 60.000 homens, além de cerca de 90.000 homens e 1.500 CC de suas próprias F Terrestres, limita-se com a parte Sul da Zona de reduções da região central da EUROPA. Ora, o território soviético se estende até a fronteira oriental da HUNGRIA, e, por meio dessa, a URSS poderá exercer uma influência militar sobre a região central da EUROPA.



A HUNGRIA poderá, também, servir de pivot pra as operações militares lançadas contra os países de W, N e S, como aconteceu em 1968, por ocasião da invasão da TCHECOSLOVÁQUIA, da qual as forças húngaras participaram. Além disso, a HUNGRIA, com seus aeródromos e depósitos, serviu, em 1973, de escala nas atividades de suprimentos para o EGITO e a SIRIA, na guerra contra ISRAEL.

- Em segundo lugar, a proximidade geográfica da URSS em relação à região central da EUROPA significa:
 - que ela pode fazer retornar a essa região, por via terrestre e via aérea, todas as unidades que tiverem sido evacuadas.
 - que além do apoio às unidades baseadas em suas três regiões militares ocidentais, ela pode prontamente reforçar todas as forças do PACTO DE VARSÓVIA através de suas fronteiras ocidentais. A OTAN estima essas unidades em cerca de trinta Div Cat I e II, além de 32 outras Div, na maioria de Cat II, estacionadas em KIEV, LENINGRADO, MOSCOU e ODESSA. Em 1973, sete Div aerotransportadas, num total de 50.000 homens, foram emmassadas em KIEV e ODESSA, em face das operações no ORIENTE MÉDIO, o que permite verificar-se como as forças soviéticas podem ser deslocadas para regiões avançadas por ocasião de uma crise.
- Em terceiro lugar, a URSS mantém ao N e no Centro da EUROPA uma organização militar uniforme, o que facilita uma transferência ultra-rápida de suas forças e de sua aviação tática.

No interior dessa assimetria geoestratégica global, outras disparidades entre as estruturas políticas e entre as organizações militares das duas alianças influenciam as mútuas reduções de forças na região central, particularmente o estacionamento das forças americanas no continente europeu, que é concebido em função da transferência eventual de reforços americanos em caso de necessidade.

As F Ter americanas sediadas permanentemente em território alemão ascendem a 4 Div a 1/3 do efetivo, mais as unidades de apoio, às quais deverão ser acrescidas, em curso de operações, duas outras Bda. No total, restarão aos USA cerca de 3 Div completas, ECD reforçar a OTAN na região central. O material pesado destinado a essas forças exteriores está estocado na RFA. Periodicamente, são realizadas grandes operações de transporte aéreo, a fim de manter a coesão das tropas e assegurar a boa organização de seu deslocamento.

O dispositivo assim adotado pela OTAN nos leva a perguntar se um acordo com o PACTO DE VARSÓVIA sobre reduções mútuas de forças na região central da EUROPA autorizaria, limitaria ou interditaria o retorno temporário, à ALEMANHA, daquelas unidades americanas.

Se o acordo abranger também as forças aéreas, a mesma questão incidirá sobre os elementos aéreos que fazem o transporte de tropas americanas. Além disso, é o caso de se perguntar se o acordo permitiria que o material pesado destinado

àquelas forças americanas continuasse sendo estocado na RFA.

Para não se engajar em uma negociação completa sobre todos os materiais e sobre a organização das forças, a OTAN restringiu-se a enfatizar dois temas: os níveis de efetivos e o número de CC. Mas resta saber se as negociações de VIENA poderão continuar de fato a se limitar a esses dois elementos. A questão dos sistemas aéreos, cedo ou tarde, causará discussões e, com ela, a das armas nucleares. Esses são pontos sobre os quais os países do PACTO DE VARSÓVIA passaram a insistir após o início da conferência, procurando sem cessar a brecha que lhes permitirá estender as negociações aos problemas de armamento e das forças aéreas.

Há uma disparidade entre as estruturas políticas dos blocos OCIDENTAL e ORIENTAL, que se manifesta ao nível dos efeitos que ocorrerão sobre as duas facções, em consequência de um acordo de reduções, se este impuser limites nacionais aos armamentos e controles internacionais sobre os territórios dos países situados na Zona de redução. Enquanto que os países socialistas da EUROPA ORIENTAL não procuram estabelecer entre eles uma união política que implique em transferência de uma parte de sua soberania nacional, os países da EUROPA OCIDENTAL visam a se unir em uma confederação de Estados ou mesmo em um Estado Federal. Para isso, eles deverão manter sua soberania territorial assim como a liberdade de organizar suas forças e seus armamentos como bem entenderem.

Portanto, não irão admitir o estabelecimento de qualquer zona de controle internacional sobre o território a ser compreendido por sua união política, já que isto provocaria diferenças de "status" internacional entre seus membros e sua liberdade no campo da defesa comum encontrar-se-ia, então, entravada pelos direitos que adviriam de terceiros.

São esses os atuais impasses existentes nas negociações entre os países da OTAN e do PACTO DE VARSÓVIA, o que vem provocando um lento desenvolvimento das gestões para a mútua redução de forças.